

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 12 de junho de 2023 às 08h13
Seleção de Notícias

Folha de S. Paulo | BR

Patentes

Estados Unidos veem o Brasil como possível rota para China roubar segredos industriais 3
MERCADO | RAFAEL BALAGO

Exame.com | BR

10 de junho de 2023 | Marco regulatório | INPI

Lei de direitos autorais pode ser repensada para NFTs e IA, diz especialista 6
FUTURE OF MONEY | JOÃO PEDRO MALAR

R7 | BR

10 de junho de 2023 | Direitos Autorais

Marvel encerra briga contra irmão de Stan Lee e outros artistas por direitos autorais de super-heróis 8
PRISMA | REUTERS | CINEMA

InfoMoney - Online | BR

10 de junho de 2023 | Propriedade Intelectual

Biotecnologia atrai capital de risco, mas fatia do Brasil ainda é pequena 12
WESLEY SANTANA

Estados Unidos veem o Brasil como possível rota para China roubar segredos industriais

MERCADO

Rafael Balago

SÃO PAULO Brasil pode ser um cenário para o roubo de segredos industriais, avaliam membros do governo dos Estados Unidos. O país tem operações de muitas empresas dos EUA que usam tecnologias de ponta, e também de companhias da China, país que é o principal competidor americano em várias corridas tecnológicas.

Ao mesmo tempo, o Brasil tem poucas ações coordenadas entre as forças de segurança do país e as empresas. Um representante do governo americano disse à **Folha**, sob condição de anonimato, considerar que o Brasil possui regras para prevenir o problema, mas as medidas não são aplicadas na prática.

O Brasil é membro do acordo Trips, de 1995, assinado no âmbito da OMC (Organização Mundial do Comércio) que prevê formas de proteger **direitos** autorais, como desenhos industriais, **patentes** e informações sensíveis das empresas.

Outro ponto levantado pelo representante é que as leis que punem o roubo de segredos comerciais no Brasil são consideradas brandas: a pena para o crime é de até um ano de prisão.

Nos EUA, as punições são mais pesadas. Em 2022, a química Shannon You foi condenada a 14 anos de prisão e multada em US\$ 200 mil por roubar informações sobre como produzir embalagens de refrigerante sem BPA, aditivo ao plástico suspeito de causar doenças.

You trabalhava na sede da Coca-Cola, em Atlanta, e tentou criar uma empresa na China que usava a tecnologia, com apoio do governo chinês, segundo o processo da Justiça americana.

"Como as evidências mostraram, a ré roubou segredos comerciais valiosos e pretendia usá-los para beneficiar não só uma empresa estrangeira, mas o governo da China", disse o procurador Matthew Olsen, do Departamento de Justiça, quando a sentença foi anunciada.

Em janeiro deste ano, o engenheiro Xiaoqing Zheng, 59, foi condenado a dois anos de prisão por roubar segredos da produção de turbinas de uma fábrica da GE.

Xiaoqing foi detido depois de um alerta do FBI, que trabalha em cooperação com a GE. A polícia federal americana detectou uma viagem dele à China considerada suspeita e descobriu que ele havia levado arquivos que continham informações protegidas.

As autoridades americanas disseram não poder comentar sobre casos de espionagem que estejam sob investigação. No Brasil, a avaliação delas é que os setores de maior risco são os de fabricação de aviões, agricultura e tecnologia da informação. E a China é vista como principal ameaça.

Para os EUA, os programas Made in China 2025 e 2030, pelos quais o país busca nacionalizar a produção de tecnologia de ponta, indicam as áreas mais sensíveis ao roubo de dados. Procurada, a embaixada da China no Brasil não respondeu ao contato da reportagem.

Em março, o Consulado dos Estados Unidos em São Paulo organizou um evento sobre o tema, reunindo agentes de segurança e empresários para debater formas de proteção e estudar saídas. Também foram convidados representantes da Argentina, Chile, Colômbia e México.

No encontro, os gestores das empresas foram orien-

Continuação: Estados Unidos veem o Brasil como possível rota para China roubar segredos industriais

tados a se aproximarem das forças de segurança e terem uma relação mais próxima, para ajudar a prevenir os casos e a investigar suspeitas, antes que os roubos sejam concluídos.

"Se você rouba US\$ 1 milhão de uma companhia, é apenas US\$ 1 milhão. Se rouba propriedade intelectual, pode gerar uma perda de US\$ 1 bilhão, e pode também ser uma questão de segurança nacional", compara Erik Gordon, professor da Universidade de Michigan.

Muitas vezes, uma mesma empresa atua na venda ao público e na criação de tecnologias militares. Em um dos casos hipotéticos apresentados no evento em São Paulo, foi relatada a história de uma empresa que cria cenários 3D para games, que também podem ser usados para treinamento de soldados. A inteligência artificial e os drones, tecnologias em expansão, também são cada vez mais usadas em ações militares, como na Guerra da Ucrânia.

Gordon avalia que o tema é especialmente sensível para os EUA também porque propriedades intelectuais são o principal item de exportação do país, em áreas como tecnologia digital, **patentes** de remédios ou mesmo entretenimento, como séries e filmes.

Os segredos guardados pelas empresas são variados. Uma fábrica de peças para aviões pode levar anos e gastar muito dinheiro para desenvolver um novo tipo de peça para o motor que seja mais leve e ajude a economizar combustível. Se um concorrente aprende como fazer a mesma coisa em instantes, pode lançar um produto similar rapidamente.

Ao mesmo tempo, códigos de programação e algoritmos usados em tecnologias de ponta, como a inteligência artificial generativa, também podem ser copiados.

Estimativas do governo americano apontam que quase 60% dos casos de roubo de informações ocorrem

por ações virtuais, como hackeamento. Outros 40% envolvem técnicas mais analógicas, como cooptar funcionários.

Uma das táticas é buscar algum trabalhador que esteja insatisfeito, que seja ambicioso e se sinta desvalorizado ou que esteja passando por dificuldades financeiras.

A abordagem inicial pode vir em forma de convite para um evento em outro país. A partir daí, começa-se a construir um relacionamento, para depois vir uma proposta. As promessas podem incluir, além de pagamentos em dinheiro, apoio para que ele abra sua própria empresa ou um emprego de prestígio no futuro.

Apesar dos esforços de cooperação internacional, o combate à prática é difícil por vários fatores.

"Você pode roubar um monte de informações no Brasil sem ter uma pessoa no Brasil. A China não vai extraditar um espião industrial chinês. E mesmo que haja um espião chinês no Brasil e ele seja preso, em seguida provavelmente a China iria prender dois ou três brasileiros na China, acusá-los de espionagem e propor uma troca", analisa Gordon.

O professor faz a comparação com base em um caso real. Em 2018, o Canadá prendeu Meng Wanzhou, diretora da Huawei, a pedido dos EUA, onde foi acusada de roubo de segredos tecnológicos. Dias depois, dois canadenses foram presos na China sob acusação de risco à segurança nacional. Após três anos, Wanzhou foi libertada, assim como os canadenses.

Outra frente de atuação, a imposição de sanções, pode ser inócua caso as empresas alvo não tenham relações financeiras com os EUA e se dediquem apenas a outros países.

Para Fernanda Magnotta, coordenadora do curso de Relações Internacionais da Faap, os casos de espionagem industrial fazem parte de um processo

Continuação: Estados Unidos veem o Brasil como possível rota para China roubar segredos industriais

mais amplo, em que a China busca superar os EUA como líder global.

Neste cenário, ela avalia, o Brasil precisa agir com cuidado para não se tornar dependente de um dos lados. "Ao Brasil, o que interessa é navegar por essa rivalidade de forma cooperativa, mantendo o diálogo com todos os lados, sem necessariamente ter de fazer escolhas que impliquem em conflito com um dos lados", analisa.

"A China está muito unida no propósito de ser líder

mundial em coisas como veículos elétricos e inteligência artificial. Pelos próximos 10 ou 20 anos, a China provavelmente não estará interessada em fiscalizar roubos de propriedade intelectual. Mas se a China se tornar líder em IA ou na nova geração de tratamentos de saúde, por exemplo, poderá mudar de ideia para proteger suas tecnologias", considera Gordon.

Lei de direitos autorais pode ser repensada para NFTs e IA, diz especialista

FUTURE OF MONEY

O surgimento dos tokens não-fungíveis (, na sigla em inglês) e a expansão crescente da generativa levantaram um novo debate sobre os **direitos** autorais em torno dessas obras. Em entrevista à EXAME, Julia Pazos, sócia do DSMA Azulay Advogados, destaca que a legislação brasileira sobre propriedade intelectual já é válida para essas áreas, mas pode precisar ter algumas mudanças.

Pazos, que participou do evento , explicou que os princípios da legislação de **direitos** autorais são os mesmos, independentemente do ambiente. "Um ponto sensível, de repensar, é de talvez ter mudanças [na lei] porque, quando fala de autor, é pessoa física, e tem uma revolução digital com várias autorias diferentes, com ", comenta a advogada.

"Hoje, pela legislação, quando tem uma obra criada por uma , em princípio ela nasce em domínio público. Toda essa nova economia vai ter que repensar [a questão dos direitos], porque se não tem um investimento mas sem proteção", diz Pazos.

Outro ponto que ela acredita que será alvo de debates sobre legislação é em relação ao uso de materiais, como livros, obras de arte ou músicas, para o treinamento das inteligências artificiais generativas. Ela explica que, pela lei, deveria ser necessário obter uma autorização dos autores dessas obras para o uso na tecnologia, e não fazer isso pode configurar um crime, colocando o material gerado pela IA em risco.

Entretanto, esse não costuma ser o caso. Em geral, as empresas que criaram essas inteligências artificiais argumentam que a quantidade de obras usadas é muito grande, e portanto não há uma relação de influência direta e clara entre uma obra e o material produzido. Pazos destaca que não há uma regulamentação específica para esse tema no momento.

"Existe a questão de obra derivada, que surge ao criar uma nova obra ao se inspirar em outra, mas se originalmente a obra é usada sem autorização e modificada, pode ter outro problema que é usar a obra sem ter autorização. Isso não é necessariamente direito patrimonial, é moral. Então vai depender muito de caso a caso", afirma a advogada.

Por isso, a especialista acredita que, enquanto não houver uma regulamentação clara sobre o tema, "o usuário da está exposto. Hoje, ele pode estar violando a lei sem saber".

Atuação de reguladores

Por outro lado, Pazos aponta outro desafio: atualmente, os responsáveis por aplicar as leis, incluindo a de **direitos** autorais, não possuem ainda o conhecimento necessário para entender como aplicar a legislação em novas tecnologias e ambientes, em especial o da . Ela observa que "já tem uma dificuldade para ter uma justiça especializada em **propriedade** intelectual, com poucos tribunais, e a afunila isso mais ainda".

Nesse sentido, ela defende que é necessário um esforço de educação sobre o tema para as autoridades, algo que já ocorrendo e começou a ganhar força nos últimos anos. O próprio Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (**INPI**) tem feito esforços nesse sentido.

A cooperação com o **INPI** e outras organizações depende, porém, de uma superação da defesa de descentralização total que é comum na . "No fim, a gente não vai conseguir se livrar da centralização, assim como não consegue se livrar de CVM, órgãos regulatórios. Faz parte da vida como sociedade, e vai ter um **INPI** cada vez mais entendendo a tecnologia. Existe uma lentidão, mas no futuro registro da marca

Continuação: Lei de direitos autorais pode ser repensada para NFTs e IA, diz especialista

vai ser no **INPI** mas em um blockchain", avalia.

Pazos destaca que a tendência é que os reguladores usem a própria tecnologia ligada à para "ter mais segurança, executar mais fácil. Pode usar contratos inteligentes, por exemplo, e aí se uma tiver violação da lei, ele autoexecuta, é uma evolução. Muito se traz de que você pode registrar a sua marca só no blockchain e não no **INPI**, mas para ser titular, poder impedir cópias de concorrentes, precisa do **INPI**".

Esse anúncio da Mynt não foi escrito por uma Inteligência Artificial. Mas somos tecnológicos. Nossa segurança é de ponta e nossa curadoria, de excelência. O que falta para você investir em crypto com a Mynt?

Siga o Future of Money nas redes sociais: [Instagram](#) | [Twitter](#) | [YouTube](#) | [Telegram](#) | [Tik Tok](#)

Marvel encerra briga contra irmão de Stan Lee e outros artistas por direitos autorais de super-heróis

PRISMA

A Marvel, empresa do grupo Disney, concordou em encerrar suas batalhas judiciais contra quatro artistas que tentavam reivindicar os **direitos** autorais dos super-heróis que eles teriam criado juntos, incluindo o Homem de Ferro, o Homem-Formiga e a Capitã Marvel, de acordo com documentos de um tribunal federal publicados nesta sexta-feira (9).

Os documentos mostraram que a Marvel desistiu de seus processos contra Larry Lieber e os herdeiros legais de Don Heck, Gene Colan e Don Rico de maneira definitiva, o que significa que os casos não poderão ser reabertos. Um porta-voz da Disney e um advogado dos artistas disseram que as partes chegaram a uma "resolução amigável".

No entanto, a Marvel não chegou a um acordo com os herdeiros do artista de histórias em quadrinhos Steve Ditko, que está tentando recuperar sua parte em **direitos** autorais pelo Homem Aranha e pelo Doutor Estranho. Ambas as partes pediram por um acordo antes de irem a tribunal.

De acordo com a Lei de **Direitos** Autorais, um criador pode voltar a exigir seus **direitos** autorais após décadas em determinadas circunstâncias. A Marvel processou os artistas, que escreveram e ilustraram os quadrinhos da companhia nas décadas de 1950, 60 e 70, depois que eles tentaram recuperar os **direitos** autorais relacionados a vários super-heróis.

Outros super-heróis que os artistas disseram ter co-criado incluem Thor, Viúva Negra, Gavião Arqueiro e Blade.

A Marvel argumenta que as obras dos artistas foram feitas sob contrato, o que, segundo ela, os impede de

reivindicar **direitos** autorais.

A companhia ganhou um caso semelhante em um tribunal de apelações dos EUA em 2013 envolvendo o ilustrador Jack Kirby.

Continuação:

Marvel encerra briga contra irmão de Stan Lee e outros artistas por direitos autorais de super-heróis

O mais recente live-action da Disney, *A Pequena Sereia*, é o novo queridinho dos fãs das produções do estúdio de Mickey Mouse e, assim como na versão animada da história, os bichos do mar ganham protagonismo. Veja quem o Sebastião, o Linguado e, até mesmo, a Úrsula seriam na 'vida real'

/Instagram @bio_sarvikfagyott7833

Representado como uma gaivota desajeitada, o Sabidão é uma das aves marinhas mais conhecidas. As gaivotas possuem a capacidade de se alimentarem na água e na terra, além de poderem voar e nadar também. O bico desta ave é forte e afiado, o que facilita para pegar sua comida

/Pexels

Sebastião, um ícone de *A Pequena Sereia*, na 'vida real' é um caranguejo. Esses animais têm entre 8 e 10 pernas e possuem garras, que se adaptam a funções como alimentação, defesa e cavar tocas. Eles podem ser de diversas cores, mas é representado no filme em um tom alaranjado

/Pexels

Lembra do *Linguado*, um dos amigos da Ariel? Ele é um peixe-anjo-real, uma espécie de cor azul, com listras amarelas ou laranjas, que é normalmente encontrada em recifes tropicais

Úrsula, a bruxa do mar, não poderia faltar. Os tentáculos da personagem se assemelham aos dos polvos, conhecidos pela inteligência e habilidade de camuflagem

/Pixabay

Por fim, apesar de não ser um animal do mundo real, representa um dos seres mitológicos mais conhecidos de todo o mundo. Tendo a voz como característica principal, as sereias já protagonizaram diversas histórias de ficção, onde eram as vilãs que comiam os marinheiros e, até mesmo, as heroínas com suas vozes e poderes para lá de especiais

Continuação:
Marvel encerra briga contra irmão de Stan Lee e outros artistas por direitos autorais de super-heróis

Copyright © Thomson Reuters.

Continuação:
Marvel encerra briga contra irmão de Stan Lee e outros artistas por direitos autorais de super-heróis

Biotecnologia atrai capital de risco, mas fatia do Brasil ainda é pequena

Capital de risco global destinou US\$ 35 bilhões para startups deste setor entre 2019 e 2021, mas Brasil só US\$ 32 milhões desde 2015. A biotecnologia moderna, dentro de suas vertentes, já permitiu a criação de novas formas de fermentação para bebidas, criação de medicamentos especiais e terapias genéticas com foco em doenças raras até a elaboração de pesticidas para situações (e pragas) específicas.

Esse mundo de possibilidades atraiu os fundos de investimentos de capital de risco, que destinaram cerca de US\$ 35 bilhões para startups deste setor entre 2019 e 2021, de acordo com a consultoria McKinsey. Só no último ano deste relatório, mais de 3,1 mil soluções receberam investimentos externos, elevando a um patamar 50% superior um número que já era atrativo.

No Brasil, uma das biotechs que receberam investimentos foi a Symbiomics, que trabalha para aumentar a produção agrícola com base em produtos biológicos. Fundada em 2021 por dois estudantes de doutorado, o principal ramo de atividade é o isolamento de micro-organismos para nutrição vegetal, biocontrole, sequestro de carbono e bioestimulantes.

A startup levantou R\$ 10 milhões para escalar o negócio, montante que viabilizou a construção de seu próprio laboratório, em Florianópolis (SC), inaugurado nesta segunda-feira (5). O espaço de 300m² foi criado para que a empresa tivesse autonomia de não só pesquisar os materiais, mas testá-los na prática, podendo conduzir os cinco passos necessários do processo: isolamento do microorganismo, sequenciamento genético, desenho do produto, teste em casa de vegetação e, por fim, teste em campo.

"Agora, a nossa linha de pesquisa e desenvolvimento vai de ponta a ponta: da descoberta dos micro-organismos em ambientes naturais do Brasil, um processo feito por meio da coleta de amostra dos bio-

mas, aos testes em campo", detalha Rafael de Souza, CEO e cofundador da Symbiomics. "O laboratório tem toda a infraestrutura de microbiologia e de biologia molecular, que permite que se faça tudo internamente".

Em seu modelo de negócio, a empresa faz todo o processo de desenvolvimento de microorganismo e, quando aprovado, licencia para empresas do ecossistema do agronegócio. Em seu primeiro acordo global, também anunciado nesta semana, a Symbiomics fez parceria com a norte-americana de fisiologia vegetal Stoller para a pesquisa e futuro licenciamento de consórcios microbianos.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

"Nós entregamos toda a combinação de micro-organismos para a empresa, que tem capacidade de produzi-los em larga escala para revender ao produtor final. Com isso, para cada dose do produto vendido, nós recebemos uma porcentagem", destaca Rafael, que fundou a marca ao lado de Jader Armanhi.

Retorno no longo prazo

Embora os investidores estrangeiros estejam de olho na biotecnologia, no Brasil a situação é um pouco diferente. Pelos registros do Distrito, nos últimos cinco anos, as startups deste segmento levantaram pouco mais de US\$ 32,5 milhões (cerca de R\$ 160 mi) na cotação atual.

"O mercado de biotech ainda é incipiente em relação aos investimentos provenientes de investidores de risco (Venture Capital). No Brasil, grande parte do volume de financiamento para projetos desse mercado é proveniente de iniciativas públicas", esclarece Eduardo Fuentes, head de research da plataforma que conecta empresas e startups.

Continuação: Biotecnologia atrai capital de risco, mas fatia do Brasil ainda é pequena

Essa realidade está ligada ao fato de que os retornos nesta área nem sempre são rápidos. Ao contrário de startups de outros segmentos, como o financeiro, que tem seus produtos factíveis desde o começo, no caso das biotech, os resultados dependem de estudos e testes subsequentes que podem demorar anos. Mas esse tempo tem diminuído cada vez mais.

Gabriel Montovani, CEO e fundador da Vesper Venture, uma venture builder catarinense focada em biotecnologia, recorda que nos últimos 15 anos houve avanços que reduziram drasticamente o custo e o tempo do lançamento de um produto desta área. Apesar disso, ele comenta que o atual modelo de investimentos em startups foge à realidade do mercado de biotechs, pois foi criado pensando em empresas de softwares, que têm tempo de escala e formato diferentes.

Esse tipo de negócio se diferencia, ainda, pelo alto nível de **propriedade** intelectual e por, em sua maioria, não ter um perfil comercial, ou seja, trabalha para desenvolver e validar patentes, com o objetivo de posteriormente vender o licenciamento para uma farmacêutica, por exemplo. "Hoje, grande parte da inovação das multinacionais em agro e farma é a partir da aquisição de tecnologia de startups, então isso fez com que se precisasse de muito menos tempo e capital para se ter retorno em um capital como esse".

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

"O Brasil é um celeiro de oportunidades e grande parte das publicações nacionais já estão dentro da área de biotecnologia. O problema é que temos um abismo que separa a academia da indústria nacional e internacional. Na nossa visão, a startup é o mecanismo mais eficiente para levar a inovação da universidade para a sociedade", destaca.

A Vesper conseguiu juntar R\$ 25 milhões, montante que já foi para a rua financiar sete projetos inovadores, incluindo o da Symbiomics. Outra investida, a Futr Bio recebeu recursos para ampliar os estudos de vacinas de RNA mensageiro (mRNA) para prevenção e cura de doenças complexas, como o câncer.

Agora, com o caixa esgotado, o fundo abriu uma segunda rodada de captação -esta no valor de R\$ 100 milhões- para se consolidar como um veículo de investimento referência no campo da biotecnologia. Na projeção do conselho, esse montante deve apoiar 10 novas startups que preencham critérios como: corpo técnico de alto nível, projetos de inovações patenteadas e que sejam soluções que resolvam problemas globais.

"No Brasil, as incubadoras e aceleradoras se preocupam mais em conquistar o máximo de market share num curto período de tempo do que ajudar o departamento de P&D das empresas embrionárias. Para o desenvolvimento pleno de biotecnologia, no entanto, a estratégia é totalmente oposta, uma vez que utiliza tecnologias inéditas. Primeiro é preciso validar as hipóteses e só então negociar licenciamentos no mercado", conclui Gabriel.

O que é a biotecnologia

No ano passado, a bioquímica francesa Carbios anunciou a construção da primeira fábrica de plástico PET totalmente reciclável do mundo, previsto para entrar em operação em 2025. Segundo a empresa, a produção do material inovador vai ser viabilizada pela descoberta de enzimas que desconstruem os resíduos plásticos em seus componentes básicos, permitindo sua refabricação com a mesma qualidade em infinitas vezes.

Continuação: Biotecnologia atrai capital de risco, mas fatia do Brasil ainda é pequena

Esse é só um dos procedimentos possíveis a partir da biotecnologia, que, como o nome sugere, é a junção entre a biologia e a tecnologia. Essa área científica estuda o manuseio de micro-organismos vivos para atingir um resultado que não se alcançou pelos meios convencionais.

Embora seus primeiros resultados sejam antigos, a biotecnologia moderna, nos padrões que se conhece hoje, ficou conhecida no século 20. Ela é subdividida

em categorias, todas identificadas por cores diferentes, em que cada uma se refere a um tipo de aplicação. A vermelha, por exemplo, está relacionada à saúde humana, enquanto a verde é da agricultura.

Índice remissivo de assuntos

Patentes

3

Direitos Autorais

3, 6, 8

Propriedade Intelectual

6, 12

Marco regulatório | INPI

6